

DESTAQUE EDITORIAL

SALVE 13 DE MAIO?

Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
São Paulo, 1988, 50p.

Abrir espaço e levar a discussão da discriminação racial para dentro da escola pública, mais especificamente, para dentro da sala de aula, tem sido a meta do trabalho que o Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros (GTAAB) vem desenvolvendo junto à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. E esta edição especial do projeto *Salve 13 de Maio?* significa mais uma ação nesse sentido.

Os artigos contidos nesta publicação abrangem um leque bem variado de questões, possibilitando ao público escolar uma visão ampla e profunda da participação social, política e cultural do negro na vida brasileira.

Porém, ao ressaltar a abrangência, não se dá conta das características mais inovadoras de *Salve 13 de Maio?*

Em primeiro lugar, é a perspectiva do negro, ausente nos materiais tradicionais, que se revela no momento em que os artigos discutem os valores culturais afro-brasileiros, a mitificação de comportamentos desencadeados pela situação de escravidão, a discriminação mediadora das relações interpessoais e dos instrumentos didáticos na escola, o significado dos cultos religiosos; no momento em que se apresenta e se analisa a história dos movimentos de resistência e luta; e, mais ainda, nos momentos em que o negro toma a palavra, tanto em seu fazer artístico, quanto em seu fazer político.

Em segundo lugar, *Salve 13 de Maio?* consegue militar sem se impregnar do utilitarismo reducionista do discurso militante e do discurso didático.

No entanto, um senão. Em meio a uma produção gráfica bonita e bem cuidada, uma revisão editorial mal feita chega até a tornar um artigo ininteligível, o que é uma pena.

E.V.N.

IDÉIAS: a educação básica no Brasil e na América Latina; re-pensando sua história a partir de 1930

São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação-FDE, 1988

"A idéia fundamental é subsidiar uma reflexão sobre a alfabetização do ponto de vista sócio-histórico"; assim Gisela França, da FDE, apresenta essa publicação, que reúne textos e relatos do Seminário do mesmo título promovido pela FDE em abril de 1988.

A agradável surpresa da produção simples e bem cuidada soma-se à de ver publicados, em tão curto espaço de tempo, resultados de encontro - freqüentemente esperam tanto, ou não togam, serem assim divulgados.

Três artigos, de Evaldo Vieira, Celso Beisegel e Marília Sposito revêem "as políticas educacionais para alfabetização no contexto

social brasileiro", debruçam-se sobre a experiência de democratização das oportunidades de acesso à escola desde 1930, levantando questões e apontando os desafios atuais.

Notas sobre a alfabetização na América Latina, de Angelina Peralva, seguem-se a breves "anotações" de Maurício Tragtenberg.

A segunda metade da publicação discute experiências nas últimas décadas: de alfabetização de adultos; da ampliação do período de alfabetização nas séries iniciais, em São Paulo e Minas Gerais; de um movimento de alfabetização fora da escola, na Zona Leste de São Paulo ou entre seringueiros do Acre; da "Escola do Povo" de Lages, dos CIEPs do Rio de Janeiro, da Escola de Aplicação da USP até um balanço do Ensino Vocacional em São Paulo.

Os textos constituem amplo subsídio para, tomando palavras de Marília Sposito, "o reexame do papel da participação e da organização da sociedade, de suas potencialidades e limites na conquista de políticas democráticas para a escola básica", subsídio tão mais oportuno quanto se aproxima a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases.

O endereço da FDE é Rua Rodolfo Miranda, 636, Bom Retiro, CEP 01121 - São Paulo - SP. Tel. (011) 228-1922.

T.A.

SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA: a mulher na luta contra a Escravidão

Maria Lucia de Barros Mott
Editora Contexto. 90p.

AS CORES DA LIBERTAÇÃO

Em bom tempo e ao sabor das marés que embalam o Centenário da Abolição, bem como os vários congressos internacionais sobre a escravidão, é lançado um ágil livrinho que faz pensar a negra brasileira sob o duplo signo que regeu sua História: mulher e escrava.

Ex-pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e colaboradora do antológico levantamento que fez esta instituição, sobre a mulher brasileira, Maria Lucia Mott, num texto sem maquiagem (como gostam as feministas) e bastante coloquial, introduz a uma história de raridades: pequenas e deliciosas informações sobre a vida, a obra e o cotidiano de mulheres negras e brancas que lutaram pela abolição da escravatura.

Seus objetivos, a autora deixa bem claros no início do texto. Pretende desfazer os estereótipos que só lêem a escrava como sofrida e explorada. Quer buscar as contradições das personagens negras na literatura do século XIX e rastrear a participação informal e fora das esferas habituais de poder que tiveram tais mulheres.

Resistências e ações concretas, portanto, são a tônica dos capítulos da história da mulher na luta contra a escravidão.

Com saborosos títulos como "Tirando o véu... Escravidão no feminino", ou "A revolta no cotidiano", Mott atrai o leitor para um

simpático texto e uma floresta de dados que explicam a trajetória de mulheres escravas desde o período colonial, quando resistiam à escravidão sob o rótulo de "preguiçosas, desmazeladas e boçais", à gradativa organização, em forma de quilombos e revoltas, ao gesto desesperado do aborto e do infanticídio, para livrar seus descendentes da mesma vida brutalizada. Ao longo do século XIX, a escrita e a educação feminina serão aliadas na luta pela Abolição, unindo as práticas objetivas e desabusadas de guerreiras como Aquatune, mãe de Ganga Zumba, ou de Zeferina, do quilombo de Urubu na Bahia, aos textos revolucionários de Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis e Josephina Durocher.

Mott reconstrói o dia-a-dia das zonas de mineração, do eito das grandes fazendas de café, das cidades oitocentistas e seus interiores, fazendo circular neste cenário mulheres negras e brancas que se inspiram em projetos concretos e revolucionários para lutar por liberdade e igualdade.

Um bom diálogo com autores especializados como Marlo Maestri, Katia Queiróz Mattoso, Robert Conrad, Norma Telles e Odila Silva Dias entre outros, dá criterioso recheio às afirmações da historiadora. O longo namoro, advindo de outro trabalho publicado* com os viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no século passado, dá a cor às descrições que fazem deste livro uma obra sólida e resistente aos ventos que sopram por ocasião de festas e centenários.

Mary del Priore

LEIA PRIMEIRO SEGMENTO

Ano 1, nºs 1 e 2, mar. e abr., 1988

Uma publicação voltada diretamente para a professora primária, sobre livros didáticos e paradidáticos: essa a novidade do *LEIA Primeiro Segmento*. A experiência da equipe do LEIA ("um jornal sobre livros, autores e idéias"), que mantém uma seção sobre Educação, somou-se a contribuição governamental: a publicação é resultante de convênio entre LEIA e a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do MEC.

Com poucos exemplares destinados à venda em bancas paulistas, a quase totalidade da tiragem é enviada diretamente a 150.000 escolas públicas de primeiro grau de todo o país.

Dos dois números examinados depreende-se a intenção de informar e formar opinião: além de uma seção da FAE - "Diálogo com o professor" - alternam-se resenhas de séries ou obras didáticas com matérias de interesse do público visado, que podem variar de uma reportagem sobre a ilustradora Eva Furnari à discussão do preconceito racial na escola. Destaque para o depoimento de Rachel de Oliveira, "mulher, professora, negra", no número 2: além de conteúdo, é claro, Rachel acertou o tom. Que a qualidade - e o tom - se mantenham nos próximos números.

O endereço do LEIA Primeiro Segmento é Rua Cardeal Arco-verde, 2958, CEP 05408 - São Paulo - SP. Telefone (011)815-4899.

Destaque editorial

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Porto Alegre - Vol. 1, nº 02, 1987

As mulheres e os novos espaços democráticos na América Latina

A importante presença feminina nos novos movimentos sociais na América Latina, e não apenas nos movimentos de mulheres, vem desafiando tanto os modelos tradicionais do discurso e da ação política quanto os paradigmas analíticos das Ciências Sociais. O dinamismo dos movimentos sociais, desvendando uma grande heterogeneidade de campos de conflito social para além da oposição entre classes, fazendo aflorar na reflexão política temas até então menos legítimos como aqueles relacionados com a vida cotidiana, abrindo novos espaços para a ação coletiva, vem consolidando novos e múltiplos sujeitos sociais e políticos.

Este número especial da *Revista de Ciências Sociais* reúne comunicações do VI Seminário de Estudos Latino-Americanos promovido pelo curso de pós-graduação em Antropologia, Política e Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) que, em 1985, focalizou o tema: as mulheres e os novos espaços democráticos na América Latina, sob a coordenação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a mulher do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

14 artigos abordam os 5 temas que orientaram o seminário: a construção de novos espaços democráticos na América Latina; as mulheres como sujeitos sociais, as mulheres e o Estado, as mulheres e as novas práticas sociais e as mulheres e o cotidiano.

Num panorama onde escasseiam as análises sobre essa temática, a publicação deste número especial traz uma contribuição tão mais importante quanto não se limita ao exame cuidadoso da influência exercida pelos movimentos de mulheres nos processos de transição para a democracia, ocorridos no continente, mas aponta com argúcia para os impasses e dilemas com que têm se defrontado as diferentes modalidades da participação política feminina.

A.O.C.

* Trata-se de *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX* - Um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros, de Miriam Moreira Leite, Maria Luíza de Barros Mott e Bertha Kauffmann Appenzeller, São Paulo, FCC, 1982.